

## CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE TURISMO SUSTENTÁVEL

Luciano Zanetti Pessôa CANDIOTTO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Desde o início da década de 1990, o termo “sustentável” passou a ser amplamente utilizado no debate sobre desenvolvimento, atingindo diversos setores, dentre eles o turismo. Sabendo da popularização de pesquisas, publicações, bem como da própria retórica do turismo sustentável, procuramos nesse artigo, abordar o debate em torno do turismo sustentável, pois percebemos que o rótulo de sustentável vem sendo muito utilizado por empresas, governos, instituições públicas, ONG’s, técnicos, alunos e pesquisadores vinculados à promoção e/ou à análise do turismo. Com base em uma revisão bibliográfica acerca do tema, procuramos apresentar a visão de alguns pesquisadores sobre o turismo sustentável, bem como nossas impressões em relação a esse conceito tão polêmico e impreciso.

**Palavras-chave:** Turismo Sustentável; Desenvolvimento Sustentável; Retórica.

**RESUMEN:** Desde el inicio del decenio de 1990, el término "sostenible" ha sido ampliamente utilizado en el debate acerca del desarrollo, afectando a diversos sectores, incluido el turismo. Conociendo la divulgación de la investigación, publicaciones, y la propia retórica de un turismo sostenible, este artículo intenta abordar el debate sobre el turismo sostenible, porque nos damos cuenta de que la etiqueta de sostenible ha sido ampliamente utilizada por empresas, gobiernos, instituciones públicas, organizaciones no gubernamentales, técnicos, estudiantes y investigadores comprometidos con la promoción o el análisis del turismo. Basado en una revisión de la literatura sobre el tema, presentamos la opinión de algunos investigadores sobre el turismo sostenible, y nuestros puntos de vista acerca deste concepto tan vago y controvertido.

**Palabras clave:** Turismo Sostenible; Desarrollo Sostenible; Retórica.

**ABSTRACT:** Since the early 1990s, the term "sustainable" has become widely used in the debate about development, affecting many sectors, including tourism. Knowing the popularization of researches, publications, and the rhetoric of sustainable tourism, this article try to focus the debate on sustainable tourism, used by companies, governments, public institutions, NGOs 's, technicians, students and researchers committed to promoting or analyzing tourism. Based on a literature review on the subject, we present some views of researchers on sustainable tourism, and our views on this concept so vague and controversial.

**Keywords:** Sustainable Tourism; Sustainable Development; Rhetoric.

### 1. Introdução

Desde o início da década de 1990, o termo “sustentável” passou a ser amplamente utilizado no debate sobre desenvolvimento, sobretudo em virtude da II Conferência Mundial sobre Meio ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro em 1992, e promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU). Apesar de sua importância em relação aos alertas sobre a esgotabilidade de diversos recursos naturais, e conseqüentemente, ao questionamento do modelo de desenvolvimento produtivista e economicista vigente, a partir da Rio-92, o “desenvolvimento sustentável” tornou-se um conceito da moda, que passou a ser incorporado na retórica de diversas instituições e pessoas, com finalidades econômicas, políticas, sociais, mas principalmente ideológicas<sup>2</sup>.

Atualmente é comum ouvirmos ou falarmos em sustentabilidade, seja ao nos remetermos ao desenvolvimento de um modo geral, ou mesmo em setores específicos que influenciam o desenvolvimento. Assim, quem nunca se deparou com os termos agricultura sustentável, cidades sustentáveis, indústrias e empresas sustentáveis, ou em turismo sustentável?

Esse texto aborda especificamente o debate em torno do turismo sustentável, pois percebemos que o rótulo de sustentável vem sendo muito utilizado por empresas, governos, instituições públicas, ONG’s,

<sup>1</sup>Professor do Curso de Geografia da UNIOESTE, campus de Francisco Beltrão – PR. Membro do GETERR (Grupo de Estudos Territoriais). E-mail: lucianocandiotto@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Montibeller-Filho (2001, p. 281) ressalta que “diferentes apropriações do conceito de desenvolvimento sustentável são feitas na sociedade, por diversos grupos de interesse, cada qual considerando apenas a dimensão para si mais conveniente.”

técnicos, alunos e pesquisadores vinculados à promoção e/ou à análise do turismo. Com base em uma revisão bibliográfica acerca do tema, procuramos apresentar a visão de alguns pesquisadores sobre o turismo sustentável, bem como nossas impressões em relação a esse conceito.

Considerando a ampliação das pesquisas que analisam as implicações socioespaciais do turismo nos lugares, e seus resultados que indicam que o turismo acaba alavancando um processo de desenvolvimento ambientalmente predatório e socialmente segregador, o debate sobre formas de turismo que buscam se contrapor ao turismo convencional e/ou turismo de massa também cresceu significativamente nos últimos anos. Diversos autores [Benevides (1997), Rodrigues (2001), Knafo (2001)] utilizam o termo turismo alternativo como uma contraposição ao turismo convencional. Todavia, com a emergência da idéia de desenvolvimento sustentável, o termo turismo sustentável vem cada vez mais ganhando espaço no debate acadêmico, bem como no *marketing* turístico.

## 2. Mas o que seria o Turismo Sustentável?

A popularização da idéia do desenvolvimento sustentável, unida à procura por espaços de contato com a “natureza”, com o inóspito e com o “diferente”, bem como às intencionalidades de atores públicos e privados em expandir as destinações turísticas e seus atrativos pelo mundo, desencadearam uma exacerbação do turismo como atividade sustentável. Como o turismo utiliza as paisagens, os lugares e os territórios como mercadorias, o principal produto a ser comercializado e consumido são as imagens e os símbolos, criados e estereotipados para o atendimento dos anseios dos turistas.

A valorização de aspectos naturais e histórico-culturais levou instituições, políticos e empresários a divulgar a idéia de que o turismo poderia ser uma atividade sustentável, que por sua vez, contribuiria para o desenvolvimento sustentável, pois estaria fundamentado na conservação ambiental, resgate e valorização de objetos e representações culturais, e se constituiria em uma nova opção de emprego e renda para as comunidades receptoras.

No documento oficial da ONU que institucionaliza o conceito de desenvolvimento sustentável, denominado *Nosso Futuro Comum* e conhecido como *relatório Brundtland*, o desenvolvimento sustentável seria aquele que “atende as necessidades do presente sem comprometer as possibilidades das gerações futuras atenderem suas próprias necessidades” (PNUMA, 1988, p. 09).

Para a ONU, tais necessidades incluiriam a consideração das dimensões ambiental (redução da degradação ambiental através de um uso mais eficiente dos recursos naturais) e social (redução da pobreza e das desigualdades sociais) ao processo de desenvolvimento econômico. No entanto, a maior crítica ao conceito da ONU [Cavalcanti (1997), Moreira (1999), Montibeller-Filho (2001) e Leff (1998, 2000, 2001)], reside no fato da instituição não questionar o modelo de desenvolvimento produtivista e a lógica de crescimento econômico ilimitado, que é predominante no sistema capitalista. Para esses críticos, a estrutura e dinâmica do sistema capitalista se constituem na principal causa da degradação ambiental e das desigualdades sociais.

Segundo documento da OMT de 2003, apud Korossy (2008, p. 63), “o turismo sustentável é aquele que atende às necessidades dos turistas de hoje e das regiões receptoras, ao mesmo tempo em que protege e amplia as oportunidades para o futuro”. Ele deve ser concebido como um condutor da gestão de todos os recursos existentes, tanto do ponto de vista da satisfação das necessidades econômicas, sociais e estéticas quanto da manutenção da integridade cultural, dos processos ecológicos essenciais, da diversidade biológica e dos sistemas de suporte à vida.

Percebe-se que, assim como no conceito de desenvolvimento sustentável, o turismo sustentável se fundamenta na dimensão econômica, e incorpora timidamente as dimensões ambiental, social e cultural, entendendo-as como oportunidades e recursos para a continuidade da atividade turística, fato que demonstra o viés utilitarista propagado pela OMT.

A OMT mostra-se muito mais preocupada com a sustentabilidade econômica do turismo do que com a busca por um turismo sustentável em suas dimensões. Em documento de 1996, a Organização demonstra sua posição em relação à sustentabilidade, ao afirmar que apesar de objetivar criar benefícios sociais com o turismo através do planejamento, suas estratégias se fundamentam na manutenção da dinâmica de funcionamento do setor turístico, caracterizada pela concentração da riqueza e pela segregação socioespacial. “O planejamento do turismo deve ter como meta a criação de benefícios socioeconômicos para a sociedade, mas, ao mesmo tempo, deve manter a sustentabilidade do setor turístico através da conservação do meio ambiente e da cultura local” (OMT, 1996, p. 74).

Além da falta de uma definição mais precisa sobre quem deve ser beneficiado com o turismo (considerando a imprecisão do termo *sociedade*), a conservação do meio ambiente e da cultura local são vistas como necessidades para a manutenção econômica do turismo. Outro aspecto a considerar é a idéia de cultura como algo a ser conservado e estereotipado para atender aos anseios dos turistas. A OMT parece não dar atenção para o fato de toda cultura ser dinâmica e estar em constante transformação, pois interessa ao turismo a cultura como pastiche, como simulacro.

Da mesma forma que existem controvérsias sobre o conceito e a operacionalização do desenvolvimento sustentável, Swarbrooke (2000) aponta que não há uma definição completamente aceita de turismo sustentável. O autor se remete ao relatório Brundtland de 1987, que fala de sustentabilidade do turismo como “formas de turismo que satisfaçam hoje as necessidades dos turistas, da indústria do turismo e das comunidades locais, sem comprometer a capacidade das futuras gerações de satisfazerem suas próprias necessidades” (SWARBROOKE, 2000, p. 19). Assim como no documento da OMT, a ONU também vincula a sustentabilidade do turismo às empresas que comandam o setor, preconizando indiretamente a manutenção da lógica de acumulação ilimitada de capital por parte dos empresários do setor turístico, e consequentemente, a exploração de recursos naturais e mão-de-obra local.

Na tentativa de estabelecer uma cronologia para os estudos acadêmicos precursores do turismo sustentável, Swarbrooke (2000), destaca os seguintes autores que influenciaram a origem do termo. Em 1965, Dowers já alertava para o potencial impacto do crescimento do tempo livre e das atividades de lazer. Em 1973, Young discutiu os potenciais efeitos negativos do turismo. Na década de 1980, destacam-se: os trabalhos de Mathieson e Wall, que em 1982 levantaram impactos mundiais do turismo; a publicação de Murphy em 1985, que discute a relação entre turismo e comunidade local; e o clássico trabalho de Krippendorf em 1987, que analisou o turismo e seu impacto do ponto de vista do turista.

Butler (1998) argumenta que o turismo sustentável se apresenta como contraposição ao turismo de massa. Já Milne (1998) - ao afirmar que a maioria das discussões sobre turismo sustentável busca contrapor e diferenciar atividades sustentáveis daquelas relacionadas ao turismo de massa - alerta para não reproduzirmos uma visão dicotômica entre turismo sustentável X turismo convencional, pois segundo o autor, todos os tipos de turismo dependem de uma organização básica em comum, estando então interligados.

Ao refletirmos sobre a afirmação de Milne em relação à ligação entre todos os tipos de turismo, entendemos que os fatores que ligam todas as modalidades de turismo se encontram vinculados à lógica de organização dos receptivos e das viagens, determinada pelo *trade*<sup>3</sup> turístico, e, em última instância, pela lógica de expansão do capitalismo, atualmente organizado sob o regime da *acumulação flexível* (HARVEY, 1989). Assim, o fator homogeneizante do turismo residiria no controle desta atividade pelo *trade*, que por sua vez é composto por diversas empresas que atuam a partir da mesma lógica economicista, pautada na concepção de que a competição e o crescimento econômico ilimitado se fazem imprescindíveis para o desenvolvimento. Não podemos afirmar categoricamente que todas as experiências de turismo são controladas pelo *trade*, mas sabemos da forte influência do *trade* na organização e gestão do turismo, de modo que nos inclinamos a concordar com o pensamento de Milne (1998).

Butler (1998) afirma que até o início da década de 1970, os atores responsáveis pelo desenvolvimento do turismo visavam apenas à obtenção de lucros por parte de seus investidores, não se importando com questões ambientais e sociais vinculadas às consequências socioespaciais do turismo. Apesar de o autor destacar que a partir da década de 1970 a preocupação com os impactos ambientais e sociais decorrentes do turismo é incorporada nos debates técnicos e acadêmicos, este aponta como marco oficial da incorporação da idéia de desenvolvimento sustentável no turismo, a Conferência Mundial de Turismo Sustentável, realizada pela OMT em 1990. Nela, apud OMT (1996:12), definiu-se que:

(...) o turismo sustentável constitui um modelo de desenvolvimento econômico que foi concebido para:

- Melhorar a qualidade de vida da comunidade visada;
- Oferecer ao visitante uma elevada qualidade de experiências;
- Manter a qualidade do ambiente de que tanto a comunidade anfitriã quanto o visitante dependem.

<sup>3</sup> O *trade* turístico engloba todas as empresas que atuam na organização, promoção e desenvolvimento do turismo, sobretudo as grandes empresas transnacionais que controlam o setor turístico.

A afirmação do turismo sustentável como modelo de desenvolvimento econômico já demonstra a restrição da concepção de sustentabilidade apresentada pela OMT, e reforça nossa afirmação de seu viés utilitarista.

Na mesma conferência, chamada também de *O'Globe 90*, foram elencados os benefícios do turismo sustentável:

- estimula a compreensão dos impactos do turismo;
  - assegura uma distribuição justa dos benefícios e custos;
  - gera empregos locais, diretos e indiretos;
  - estimula indústrias domésticas lucrativas;
  - gera entrada de divisas para o país e injeta capital e dinheiro novo na economia local;
  - diversifica a economia local, sobretudo em áreas rurais onde o emprego agrícola pode ser esporádico ou insuficiente;
  - procura ser participativo na tomada de decisões entre os atores, e incorpora o planejamento e o zoneamento assegurando o desenvolvimento do turismo adequado à capacidade de carga do ecossistema;
  - estimula o desenvolvimento do transporte local, comunicações e outras infra-estruturas para a comunidade;
  - cria facilidades de recreação que podem ser usadas pela comunidade local;
  - o turismo natural encoraja o uso produtivo de terras consideradas impróprias para a agricultura;
  - o turismo cultural intensifica a auto-estima da comunidade local;
  - demonstra a importância dos recursos naturais e culturais para a economia de uma comunidade e seu bem-estar social, e pode ajudar a preservá-los.
  - monitora e administra os impactos do turismo, e opõe-se a qualquer efeito negativo.
- (O'GLOBE apud SWARBROOKE, 2000)

É interessante como na primeira conferência sobre turismo sustentável, os benefícios do turismo sustentável são apontados como se já existisse um turismo sustentável. Parece que o turismo sustentável é uma realidade dada, pois todos os benefícios estão no tempo verbal presente, dando a impressão de que esse tipo de turismo existe.

Fica claro que há, por parte da OMT, uma idealização romântica do turismo sustentável como algo perfeito e extremamente positivo, que não gera impactos e deve ser implementado nas mais variadas localidades. O problema é que não existem indicações sobre como atingir esse turismo sustentável, nem uma problematização em relação às relações de poder e às contradições existentes em qualquer debate sobre sustentabilidade. Por acreditarmos que o turismo sustentável não existe, nem pode existir dentro da atual lógica de acumulação capitalista, nossa posição em relação à OMT só pode ser de crítica. Ademais, da retórica para a prática, há um longo caminho.

Ao propor um conceito sobre turismo sustentável, Swarbrooke (2000, p. 20), também deixa claro sua posição economicista em relação ao turismo, ao defini-lo como um “turismo que é economicamente viável, mas não destrói os recursos dos quais o turismo no futuro dependerá, principalmente o meio ambiente físico e o tecido social da comunidade local”. Entendemos que em muitos casos, o turismo não destrói o meio físico e o tecido social, mas geralmente, modifica tanto o meio ambiente como a sociedade em benefício dos interesses dos empreendedores turísticos.

Hall (1998), também dá ênfase ao crescimento econômico como premissa básica do turismo sustentável. Para esse autor, a questão central em relação ao desenvolvimento sustentável, sobretudo com respeito ao turismo, é estabelecer uma forma equilibrada de desenvolvimento que nos permita conservar o ambiente natural, e explorar o turismo assegurando o crescimento econômico.

Segundo Garrod (1998 apud Silveira, 2001), para ser sustentável, o desenvolvimento do turismo deve, entre outras coisas: - ir ao encontro das necessidades da população local em termos de melhoria dos padrões de vida a curto e longo prazos; - satisfazer a demanda atual e, havendo incremento do número de turistas, manter o nível de atratividade do lugar; - salvaguardar o meio ambiente para que ele continue servindo de base para o cumprimento dos itens anteriores.

Para Silveira (2001), o turismo sustentável é aquele que deve atender as necessidades dos turistas e das populações locais no presente, sem por em risco a capacidade das gerações futuras de atender as suas necessidades. Ele deve ter como principais objetivos a sustentabilidade ecológica, a equidade social e a eficácia econômica.

Acreditamos que os aspectos apontados por Garrod e por Silveira são importantes na busca de um turismo que objetive beneficiar as comunidades receptoras e pautar-se no ideário do desenvolvimento sustentável para as gerações atuais e futuras. No entanto, defendemos a idéia de que a sustentabilidade no turismo - assim como nos outros setores econômicos - encontra-se pautada na concepção de como o turismo deveria ser (*devir*), e não no que realmente vem acontecendo nas destinações de turismo. Outros autores também afirmam como o turismo sustentável deve ser, mas não vinculam esse debate teórico às experiências existentes que se dizem sustentáveis, nem analisam tais experiências com profundidade. Assim, o discurso sobre o turismo sustentável se torna vago e superficial, servindo apenas para os promotores do turismo, que passam a utilizar esse novo rótulo em suas ações de *marketing*, em função do apelo ambiental e social presente no termo sustentabilidade.

Consideramos relevante a tentativa daqueles que buscam apontar o que deveria ser feito para se atingir o turismo sustentável. Contudo, não podemos acreditar que apenas colocando o que deve ser feito, chegaremos a executar práticas de turismo sustentáveis. Para que possamos avançar no debate acerca da viabilidade e operacionalidade em relação ao turismo sustentável, é preciso debruçar-se sobre as experiências existentes, analisando os obstáculos que dificultam a operacionalização do que vem sendo apontado como premissa no debate teórico. É fundamental uma aproximação entre teoria e prática, pois há uma relação intrínseca e dialética entre ambas.

Na tentativa de estabelecer uma ligação entre teoria e prática, estamos procurando analisar experiências empíricas de turismo no espaço rural, considerando sua gênese, trajetória e implicações socioespaciais. Destacamos a análise feita sobre o Circuito Italiano de Turismo Rural no município de Colombo – PR (CANDIOTTO, 2007), e as pesquisas referentes à criação e ao desenvolvimento de roteiros de turismo rural nos municípios de Capanema, Francisco Beltrão e Verê, situados na região Sudoeste do Paraná<sup>4</sup>. Esses estudos pontuais estão contribuindo de forma significativa para reavaliar afirmações que se tornaram chavões no debate teórico do turismo, bem como para fundamentar nossas posições teóricas, seja na esfera conceitual, metodológica ou analítica.

Nessas pesquisas, percebemos que o termo turismo sustentável tornou-se comum entre técnicos e representantes do poder público, empresários, proprietários de estabelecimentos rurais, e até entre turistas. No entanto, ao analisar as dificuldades de gestão, impactos ambientais, falta de organização da atividade na base, predomínio da lógica da competição e do crescimento econômico ilimitado, existência de objetivos e intencionalidades distintas entre os sujeitos envolvidos com os roteiros turísticos, e principalmente, ao verificar que apesar do uso da imagem do agricultor como atrativo turístico, este pouco se beneficia com o turismo, não temos elementos para afirmar que o turismo esteja conduzindo à sustentabilidade, nem mesmo para acreditar que a organização atual do turismo possa contribuir ao desenvolvimento sustentável. Ao invés disso, preferimos levantar o alerta dos riscos e impactos que podem ocorrer com a instalação de empreendimentos e roteiros turísticos que são vendidos como sustentáveis, mas que mantêm e ampliam a concentração da riqueza e a segregação social, muito comuns com o desenvolvimento do turismo.

Swarbrooke (2000) indica os tipos de turismo que acredita ser altamente compatíveis com o conceito de turismo sustentável:

- ecoturismo;
- turismo cultural;
- atrações urbanas em localidades turísticas abandonadas;
- agroturismo (turismo rural em pequena escala) que representa fonte de renda para os trabalhadores do campo;
- férias de conservação, onde turistas fazem ações conservacionistas.

Entre as modalidades apontadas por Swarbrooke (2000) como potencialmente sustentáveis, predominam aquelas modalidades turísticas de pequena escala, ou seja, um turismo de base local. No entanto, questionamos também se o fato de o turismo ser desenvolvido na escala local implica em um maior potencial de sustentabilidade, pois conforme apontamos em Candiotto (2008), todos os lugares e localidades também são influenciados pela dinâmica global do capitalismo – regido pelo regime de acumulação flexível – bem como por normas e diretrizes de cunho internacional, nacional e regional.

---

<sup>4</sup> As análises dos três municípios da região Sudoeste do Paraná estão vinculadas ao projeto de pesquisa “A Territorialização do Turismo Rural no Sudoeste do Paraná: uma análise a partir de três roteiros municipais”, coordenado pelo autor desse artigo, e financiado pelo CNPq com recursos do Edital n. 03/2008. Processo 401246/2008-6.

No amplo debate sobre turismo sustentável, encontramos autores com posições favoráveis aos princípios e à aplicação do mesmo, aqueles que procuram traçar análises que relativizam a questão, não definindo uma posição, e os autores críticos da idéia do turismo sustentável. Dentro desse universo, certamente existe uma heterogeneidade de abordagens e ponderações. Buscaremos expor algumas dessas impressões.

### 3. Posições em torno do Turismo Sustentável

Além das instituições internacionais oficiais como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Mundial do Turismo (OMT), turismólogos como Swarbrooke (2000) e Ruschmann (1997), e geógrafos como Hall (2001), Williams e Shaw (1998) e Silveira (2001), acreditam na sustentabilidade do turismo dentro da lógica de acumulação capitalista.

Williams e Shaw (1998) apresentam uma visão de sustentabilidade no turismo vinculada ao mercado, ao afirmarem que essa sustentabilidade só será conseguida com maiores investimentos e com a forte participação das firmas e do capital privados, e que projetos sustentáveis podem ser difundidos por grandes empresas.

Silveira (2001) parece acreditar na sustentabilidade do turismo, que se daria, sobretudo, por meio de políticas e do planejamento do turismo. “Para o desenvolvimento sustentável do turismo é preciso que se formule e execute uma política territorial e uma estratégia de desenvolvimento local baseada no planejamento integrado da atividade turística.” (p. 140). O geógrafo não deixa claro a quem cabe a elaboração e a execução das políticas e dos planejamentos, porém tudo indica que o principal ator para o desenvolvimento do turismo sustentável seria o Estado, por meio de políticas públicas com ênfase no desenvolvimento local. Todavia, entendemos que, da formulação da política à sua aplicação, existe uma longa e árdua trajetória, caracterizada por uma dinâmica complexa que envolve diversos interesses/intencionalidades, relações de poder, apropriação de discursos e de representações, entre outros aspectos que precisam ser considerados na análise de experiências relacionadas ao turismo, bem como na gestão do turismo.

Swarbrooke (2000) apresenta várias ressalvas em relação ao turismo sustentável, porém dentro de uma visão simplista e economicista de sustentabilidade, pois vincula a sustentabilidade do turismo à manutenção e à expansão do setor turístico. “Desde que seja bem administrado e tenha infra-estrutura adequada, o turismo de massa em complexos turísticos nas encostas litorâneas é uma forma de turismo muito sustentável” (p. 35). O turismólogo inglês chega a afirmar que “existem vários órgãos governamentais tentando fazer uso do turismo para ajudar a alcançar o desenvolvimento sustentável de áreas geográficas” (p. 16), demonstrando, em nossa opinião, uma visão limitada de sustentabilidade, vinculada à realidade européia e dos países de capitalismo avançado.

Achamos complicado afirmar que os governos - seja dos países centrais ou periféricos - vêm buscando o desenvolvimento sustentável, sobretudo em países periféricos que seguem o modelo de desenvolvimento produtivista e capitalista neoliberal, como no caso do Brasil.

Do ponto de vista dos turistas, Swarbrooke (2000) ressalta que “tem havido pouca evidência de que os turistas estejam muito interessados no conceito de turismo sustentável” (p. 16), de modo que os interesses dos consumidores no meio ambiente, estão mais ligados à motivação por conhecer novos e exóticos lugares do que pela preocupação com os impactos ambientais do turismo em geral.

As grandes empresas vinculadas ao turismo seriam aquelas mais preocupadas com o turismo sustentável, em virtude dos seguintes motivos: - tentativa de convencer os governos de que o *trade* turístico é capaz de se auto-regular, evitando assim intervenções estatais por meio de leis e regulamentos; - tomada de iniciativa que reduzem custos, ao mesmo tempo em que são tidas como sustentáveis; - a tentativa de impressionar a mídia, que influencia no comportamento do consumidor. (SWARBROOKE, 2000).

Apesar de sua visão restrita frente o turismo sustentável, e a toda complexidade do desenvolvimento sustentável, não abordada por Swarbrooke (2000), este autor mostra-se realista quando deixa implícito em sua análise, que os interesses do *trade* (chamado pelo autor de indústria do turismo), são econômicos e imediatistas, traduzidos na busca por lucro em curto prazo.

Entendemos que por sua formação de turismólogo, Swarbrooke pensa o turismo sustentável a partir da estrutura já existente do *trade* turístico, considerando que a sustentabilidade do turismo deve ser buscada pelas empresas que comandam o setor, e de forma mais tímida pelos governos e comunidades locais. Além disso, o autor parte da realidade que está dada nos países desenvolvidos ou em países periféricos com alto

controle dos desenvolvidos, onde geralmente não se questiona o conceito de desenvolvimento sustentável, nem se reconhece a necessidade de mudanças econômicas estruturais para se atingir o desenvolvimento e o turismo sustentáveis.

Mesmo com a exacerbação da viabilidade e até da existência do turismo sustentável por parte de economistas, turismólogos, publicitários, administradores, políticos, sociólogos e geógrafos, existem diversos autores, sobretudo ligados às ciências humanas, que se pautam em abordagens mais críticas em relação ao turismo sustentável.

Para Butler (1998), o turismo está sendo vendido como atividade sustentável, pois traz vantagens econômicas, nas relações públicas e no *marketing*, ou seja, dá lucros. O *marketing* sustentável agrada as pessoas, pois estas reivindicam o rótulo do sustentável e se dispõem a pagar a mais por algo *sustentável*.

Como o desenvolvimento sustentável propõe uma visão holística/integrada, Butler acha complicado falar em turismo sustentável, pois isso dá a entender que este é independente de outras atividades. O turismo é um setor onde a aplicação dos princípios do desenvolvimento sustentável é difícil<sup>5</sup>, pois o turismo nunca esteve baseado nas necessidades atuais e futuras, nem é uma necessidade, haja vista que uma pequena parcela da população mundial faz turismo.

No que tange a ênfase na escala local como mais apropriada para atingir o turismo sustentável, Butler (1998) alerta para o fato dos impactos do turismo ocorrerem para além da escala local. Assim, não é possível afirmar que o turismo é sustentável em uma localidade específica, pois seus reflexos vão para além do local. O geógrafo acredita no uso do discurso do turismo sustentável na escala local para persuadir as pessoas e agregar valor ao “produto”, pois se o rótulo de sustentável vende, é preciso convencer turistas e a população local sobre os benefícios do turismo sustentável. “Deve-se questionar se o turismo deve ser desenvolvido em um lugar, e não achar que o turismo é a solução dos problemas” (p. 30), pois a aplicação dos princípios do desenvolvimento sustentável para o turismo pode criar falsas expectativas.

Milne (1998) também questiona a associação entre turismo e desenvolvimento sustentável, e afirma que devemos ter cuidado ao aproximar turismo de desenvolvimento sustentável porque o *trade* turístico fixa no lugar um ciclo vicioso de dependência das destinações, que leva a um desenvolvimento insustentável. Um dos aspectos destacados na busca por um turismo sustentável está na necessidade de mudanças de comportamento dos turistas, fato pouco trabalhado pelos autores dedicados ao turismo.

Pilgram (1999 apud Silveira, 2001, p. 140), alerta que “o turismo sustentável corre o risco de permanecer irrelevante e inerte como uma opção política que seja atraente para o mundo real do turismo, à medida que não ocorrer a transferência efetiva das idéias para a ação”.

No Brasil, existem diversos cientistas sociais contrários ao discurso do desenvolvimento sustentável, aos princípios do turismo e à exacerbação da idéia de um turismo que seja sustentável. Para A. M. Rodrigues (1997), a sustentabilidade não está dada simplesmente com a elaboração de documentos, de modo que precisamos construí-la socialmente, envolvendo todas as atividades econômicas. Em relação ao turismo sustentável, a autora afirma que “a atividade turística é, em sua própria essência, incompatível com uma idéia de *desenvolvimento sustentável*” (2000, p. 181), pois se encontra profundamente dependente da lógica e das normas do mercado. A geógrafa é, portanto, contra a idéia de turismo sustentável, por considerar que o turismo é um setor motivador da transformação da natureza e da paisagem em mercadoria<sup>6</sup>.

Ao defender a idéia de que o turismo é uma prática antropofágica, pois consome aquilo que possibilita sua gênese (atrativos naturais e culturais), Silva (2004) vê uma contradição entre a organização do sistema turístico e os pressupostos da sustentabilidade. “Os objetos sociais e naturais das localidades são consumidos na prática turística até o seu esgotamento e depois perdem sua função” (p. 11). Portanto,

(...) a sustentabilidade turística, proposta por alguns autores, ao meu ver, não condiz e não converge com a prática turística e seu caráter antropofágico. A sustentabilidade turística neste sentido deve ser compreendida a partir de uma ótica que respeite estes fatos e o discurso sobre este tema deve ser mais coerente e mais adaptado às realidades verificadas nas localidades turísticas na atualidade (SILVA, 2004, p. 11).

<sup>5</sup> Butler (1998) cita um estudo realizado na Escócia em 1994, onde não foi encontrado nenhum exemplo de aplicação do desenvolvimento sustentável ao turismo.

<sup>6</sup> Considerar a atividade turística como sustentável ou como integrante da possibilidade do desenvolvimento sustentável é apenas desviar os termos da questão sem analisar a complexidade de uma atividade econômica que tem por base o consumo de paisagens naturais exóticas ou a história passada. (RODRIGUES, 2000, p. 174).

Silva (2004) toca em um ponto que consideramos chave na teorização sobre turismo sustentável. É muito comum encontrarmos autores que propagam a possibilidade e até a existência de formas de turismo sustentáveis, porém, essa ênfase se dá mais no debate teórico do que a partir de análises empíricas. Assim, concordamos com Silva sobre a necessidade de evolução do debate e do discurso teórico, com base em constatações pautadas em experiências empíricas que buscam a sustentabilidade. É no empírico que as teorias devem ser afirmadas ou refutadas, pois a teorização deve estar vinculada à realidade.

Também concordamos com as seguintes afirmações de Silva (2004): “do discurso de turismo sustentável à práxis verificada atualmente há uma distância muito grande, principalmente tendo como parâmetro o quadro atual do desenvolvimento do turismo no Brasil” (p. 17). Por conseguinte, somente a partir “da crítica do discurso será possível se pensar num desenvolvimento mais harmonioso, menos impactante, mas nunca sem custos, sejam eles naturais, sócio-culturais ou político-econômicos” (p. 20).

O autor destaca o viés utilitarista, consumista e economicista da idéia de sustentabilidade no turismo, e afirma:

Como é tratado, o turismo sustentável ou a sustentabilidade do turismo torna-se um mito e mascara e simplifica uma série de questões importantes que envolvem a prática turística. Questões políticas, econômicas, sociais e ambientais ficam acobertadas no momento que se supervaloriza as formas de uso e o perfil de seus usuários. O que deveria ser um fim acaba-se por se tornar um meio. Um meio de se justificar e possibilitar a exploração dos recursos naturais e sociais das localidades e por um período maior de tempo, encobrendo muitas vezes os impactos negativos gerados (SILVA, 2004, p. 15).

Almeida (2004), também apresenta posições contrárias à exacerbação do turismo sustentável, por entender o discurso da sustentabilidade como uma forma de afirmação dos interesses econômicos do turismo por parte de seus promotores e empreendedores.

A sustentabilidade é, então, uma nova medida de eficiência e produtividade, da atividade turística, sem que mudanças políticas substanciais sejam realizadas. O patrimônio estaria assim, submetido a uma lógica utilitarista, do atrativo mais eficiente ou economicamente viável para ser digno de ações de planejamento e políticas públicas (p. 8).

Para a geógrafa, há uma contradição entre o discurso do turismo sustentável e os reais beneficiários desse discurso.

Considerando, também, que o discurso do turismo sustentável destaca principalmente a faceta da atividade turística como atividade econômica, convém não se esquecer quem são os reais beneficiados e a quem interessa um turismo dito sustentável. O seu conceito é vago e ambíguo e de duvidosa operacionalidade prática, mas sem dúvida, politicamente apelativo (ALMEIDA, 2004, p. 7).

Dentro desse contexto de posições favoráveis e contrárias à idéia do turismo sustentável, posicionamos na vertente crítica, que entende esse contexto como um discurso favorável aos agentes hegemônicos do capital em qualquer escala geográfica, desde a global até a local. Assim, além de não existir, o turismo sustentável não condiz com as experiências e as práticas atuais propagadas como sustentáveis, pois não tem preocupação com mudanças na estrutura econômica de acumulação da riqueza, com a autonomia política dos sujeitos sociais envolvidos, sobretudo das populações autóctones e de comunidades tradicionais (camponeses, indígenas, ribeirinhos, quilombolas), nem com diminuição da exploração de mais-valia e dos recursos naturais.

Na conclusão do livro organizado por Hall e Lew (1998), composto por artigos de geógrafos estrangeiros dedicados à relação geografia e turismo, Hall e Lew (1998) destacam os seguintes aspectos em relação ao turismo sustentável:

- o turismo sustentável representa orientação de valores nos quais a gestão dos impactos do turismo tem prioridade sobre o mercado econômico;
- implementar o desenvolvimento do turismo sustentável requer medidas que possuem escala e contextos específicos;
- as questões do turismo sustentável são formadas visando uma reestruturação econômica global e são fundamentalmente diferentes em economias em desenvolvimento e nas desenvolvidas;
- na escala da comunidade, o turismo sustentável requer um controle local dos recursos;

- o desenvolvimento do turismo sustentável requer paciência, cuidado e compromissos em longo prazo.

Apesar de não acreditarmos na efetivação de um turismo sustentável, ou mesmo de experiências locais de turismo sustentável, utilizamos as afirmações de Hall e Lew (1998) com o objetivo de demonstrar a necessidade de mudanças no planejamento, na gestão e nos próprios objetivos do turismo. Enquanto a atividade turística estiver pautada somente na premissa do crescimento econômico e na manutenção da concentração da riqueza, o próprio discurso do turismo sustentável se manterá vago e distante da realidade.

Ao fazer uma revisão sobre o discurso da sustentabilidade na atividade turística, Korossy (2008) destaca que há uma diferença, ainda pouco trabalhada, entre *o turismo sustentável* como uma atividade com potencial para promover diversas ações sustentáveis; e a *sustentabilidade do turismo*, que seria bem mais restrita e dependente da lógica economicista vigente, pois teria como principal objetivo garantir a manutenção da atividade turística. Para a autora, muitos dos que falam em turismo sustentável objetivam simplesmente manter a sustentabilidade do turismo, de modo que há uma apropriação indevida do discurso do desenvolvimento sustentável por diversos setores ligados ao turismo. Korossy (2008) tece críticas à falta de aplicação de programas que se dizem sustentáveis, e alerta que o ecoturismo não é sinônimo de turismo sustentável.

Assim como o ecoturismo, entendemos que outras modalidades de turismo, como o turismo rural, cultural e religioso, também não devem ser consideradas sustentáveis simplesmente pelo fato de serem desenvolvidas na escala local, ou de estarem vinculadas a impactos socioambientais menos significativos que os das destinações turísticas com grande fluxo e oferta. A sustentabilidade do turismo não estaria vinculada somente ao seu desenvolvimento em pequena escala, ao baixo fluxo turístico e à composição da oferta. É fundamental analisar os processos, as intencionalidades e as implicações socioespaciais nas localidades que recebem turistas, para verificar onde estão ocorrendo avanços em termos de planejamento e gestão, e como estes avanços podem contribuir para a reflexão teórica e para a tentativa de operacionalização do turismo sustentável, ou de forma mais coesa, de um turismo menos impactante e segregador.

#### 4. Considerações finais

Apesar de diversos autores que utilizam o termo turismo sustentável, entendemos que falar em turismo sustentável é algo que deve ser evitado, pois o turismo é atualmente um grande negócio ditado pelas regras de mercado do sistema capitalista, e controlado pelos atores hegemônicos detentores de capital e de poder. Assim como todas as atividades econômicas, o turismo encontra-se pautado sobre a exploração da força de trabalho, geralmente da população autóctone, e dos recursos naturais, mesmo que numa perspectiva conservacionista (uso lúdico e recreacional das paisagens).

No Brasil, as discussões sobre o turismo sustentável vêm sendo trabalhadas de várias formas, porém destacam-se as abordagens pautadas na afirmação do “turismo de base local”, isto é, na idéia de que o desenvolvimento do turismo na escala local (município, cidade, comunidade, etc.) seria o mais adequado para conservar os ecossistemas e combater as mazelas sociais. A idéia de um turismo sustentável – seja de base local ou em outras escalas geográficas – está muito mais vinculada a uma possibilidade futura (devir, utopia) do que a um caminho que vem sendo trilhado com experiências locais de sucesso, ou mesmo com políticas públicas descentralizantes e participativas. Todavia, o debruçar sobre a apreensão de experiências que se dizem sustentáveis é fundamental para o avanço da reflexão crítica e coerente com as transformações socioespaciais decorrentes da implantação e desenvolvimento do turismo.

Ademais, entendemos que a segmentação do turismo e o atributo de sustentável para determinadas modalidades turísticas (ecoturismo, turismo rural, entre outras) faz parte da retórica do *trade* turístico para ampliar seu mercado de atuação. Através do *marketing*, as empresas do *trade* convencem os turistas sobre a maior qualidade e os menores impactos de um turismo que se diz sustentável. Por outro lado, políticos e empreendedores vão criando as condições necessárias para o desenvolvimento do turismo nos mais diversos lugares, desde o convencimento da população autóctone sobre as benesses do turismo, até a destinação de recursos para implantação de infra-estrutura e de equipamentos turísticos.

Este processo de segmentação do turismo e de ênfase no turismo sustentável, sobretudo na escala local, tem suas origens globais, pois é a própria OMT (Organização Mundial do Turismo) a maior disseminadora desse ideal. Por conseguinte, diversos países passam a acreditar no turismo como alternativa econômica, a incentivá-lo e implementá-lo, pois existem recursos financeiros globais disponíveis para tanto.

Assim, a retórica do turismo sustentável na escala local por parte da OMT apresenta-se como uma importante *verticalidade* (SANTOS, 1996) na disseminação ideológica do turismo.

Silveira (2002, p. 45) cita o Programa da OMT de desenvolvimento do turismo sustentável no nível local, que conta com o apoio de organismos financeiros internacionais como o Banco Mundial, e “pretende expandir as fronteiras do turismo [...] para países em desenvolvimento ou periféricos vistos como portadores de vocação turística.”

O Brasil é um desses países, que, além de um enorme potencial turístico natural e cultural, vem apresentando uma estabilidade econômica favorável aos investimentos externos, e um governo que vem elaborando e implementando suas políticas públicas segundo as recomendações de instituições de atuação global, garantindo assim a acumulação de capital por parte dos investidores externos, que, muitas vezes, se constituem em especuladores financeiros.

Como setor específico de exploração da força de trabalho, o turismo vem se constituindo, em escala planetária e no Brasil, em particular, como um dos laboratórios da ofensiva global capitalista. Condições de trabalho precárias, jornadas de trabalho extensas, baixas remunerações, contratos temporários, maior incidência de relações de trabalho à margem da legislação, quase ausência de sindicatos e uso preponderante de mulheres, jovens e crianças, é esse o pano de fundo das relações sociais de exploração do turismo no centro e, principalmente, na periferia do capitalismo contemporâneo. (OURIQUES, 2005, p.132/133).

Na visão de Ouriques, o turismo não teria nada de sustentável, pois, apesar de utilizar as paisagens e os lugares de forma menos impactante que outras atividades econômicas, mantém e até intensifica a exploração da força de trabalho. Além disso, o controle das diretrizes do turismo permanece nas mãos dos atores hegemônicos do capital, atores que, acima de tudo, buscam potencializar seus lucros e seu poder.

Não há dúvida de que o turismo contribui para o crescimento econômico, pois, assim como todas as outras atividades capitalistas, tem sua gênese ligada à busca de retorno econômico e expansão do consumo. No entanto, o lucro gerado pelo turismo é altamente concentrado nos empresários e nos investidores do setor, enquanto as camadas menos favorecidas da população local não usufruem dos benefícios tão propagados pelos políticos e empresários para convencê-la de que o turismo trará melhorias para todos.

As atitudes de desrespeito dos turistas com os residentes, assim como o trato diferenciado por parte do poder público, que investe mais em equipamentos para o turista do que em melhorias para os residentes, apresentam-se como contradições ao discurso do turismo sustentável. Os propagados benefícios econômicos também quase não atingem os autóctones, pois a maior parte da receita do turismo fica com os agentes externos, e com aqueles que possuem melhores relações políticas e uma visão empresarial aguçada.

Desta forma, acreditamos que apesar da retórica do turismo sustentável ser interessante e atraente para os mais diversos atores ligados ao turismo, é preciso verificar as intencionalidades presentes nos variados usos do termo turismo sustentável, pois é muito comum a utilização de uma retórica que teoricamente incorpora a sustentabilidade como meta e como conquista, mas que na prática, acaba se contrapondo com as implicações socioespaciais do turismo quando este é materializado nos lugares.

A partir de leituras, reflexões e das pesquisas empíricas por nós desenvolvidas, percebemos que a efetivação do turismo pouco ou nada tem a ver com as premissas da sustentabilidade, sobretudo no que tange a dimensão ambiental e sociocultural do turismo. Diversas experiências de turismo que se denominam “sustentáveis” não questionam nem alteram a lógica de acumulação e de concentração do lucro proveniente da atividade. Mesmo nas modalidades de turismo consideradas sustentáveis por muitas pessoas, como o ecoturismo e o turismo rural, há um predomínio da lógica economicista e dos lucros nas mãos de pessoas mais capitalizadas do lugar e de atores exógenos ao lugar, apesar da sempre presente retórica de benefícios do turismo para a população local e para a promoção do desenvolvimento sustentável.

Assim, preferimos trabalhar com a idéia de um turismo que seja menos impactante no que tange à esfera ambiental, que reduza a concentração da riqueza, e que seja menos segregador do ponto de vista socioespacial. Ao invés de buscarmos o impreciso, duvidoso e até tendencioso “turismo sustentável”, precisamos compreender como o turismo transforma as paisagens e os lugares, cria novos territórios, e modifica o cotidiano das pessoas que habitam os núcleos receptores. Portanto, reforçamos a necessidade de apreender as consequências positivas e negativas do turismo para as localidades e para sua população, para que possamos avançar em nossa análise teórica, bem como nas proposições acerca dos caminhos em direção a experiências de turismo mais justas.

## 5. Referências

- ALMEIDA, Maria G. Desenvolvimento turístico ou desenvolvimento local? algumas reflexões. In: ENCONTRO NACIONAL DE TURISMO COM BASE LOCAL, 7, 2004, Curitiba, PR. **Anais....** Curitiba, PR: UFPR/UNICENP. 2004 (CD ROM).
- BENEVIDES, I. P. Para uma agenda de discussão do turismo como fator de desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A B. (Org). **Turismo e desenvolvimento local**. São Paulo: HUCITEC, 1997. p. 24-41.
- BUTLER, Richard. Sustainable tourism – looking backwards in order to progress? In: HALL, Michael e LEW, Alan. (Org.). **Sustainable tourism: a geographical analysis**. Essex, UK: Addison Wesley Longman Limited, 1998. p. 25-34.
- CANDIOTTO, L. Z. P. Turismo no Espaço Rural e Desenvolvimento Local: uma abordagem conceitual. In: Seminário de Turismo no Espaço rural e Desenvolvimento Local da UNESP, 1, 2008, Presidente Prudente. **Anais ...** Presidente Prudente, SP: UNESP, 2008 (CD-ROM).
- CANDIOTTO, Luciano Z. P. **Turismo rural na agricultura familiar**: uma abordagem geográfica do Circuito Italiano de Turismo Rural, município de Colombo – PR. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC. 2007.
- CAVALCANTI, Clóvis (Org.). **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1997.
- HALL, Michael. **Planejamento turístico**: políticas, processos e relacionamentos. São Paulo: Contexto, 2001.
- HALL, Michael. Historical antecedents of sustainable development and ecotourism: new labels on old bottles? In: HALL, Michael e LEW, Alan (Org.). **Sustainable tourism**: a geographical analysis. Essex, UK: Addison Wesley Longman Limited, 1998. p. 13-24.
- HALL, Michael; LEW, Alan. The geography of sustainable tourism development: an introduction. In: HALL, Michael e LEW, Alan (Org.). **Sustainable tourism**: a geographical analysis. Essex, UK: Addison Wesley Longman Limited, 1998. p. 1-12.
- HARVEY, David. (1989) **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 10ª ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- KNAFOU, Remy. Turismo e território. Para um enfoque científico do turismo. In: RODRIGUES, Adyr. (Org.). **Turismo e Geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. 3 ed. São Paulo: HUCITEC, 2001. p. 62-75.
- KOROSSY, Nathália. Do Turismo Predatório ao Turismo Sustentável: uma revisão sobre a origem e a consolidação do discurso da sustentabilidade na atividade turística. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, 2008, p. 56-68. Disponível em <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/viewissue.php?id=28>> Acesso em 20 de novembro de 2008.
- LEFF, Enrique. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LEFF, Enrique. **Ecologia, capital e cultura**: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável. Blumenau: Ed. da FURB, 2000.
- LEFF, Enrique. **Ecología y capital**: racionalidad ambiental, democracia participativa y desarrollo sustentable. Madrid: Siglo veintiuno, 3ª ed, 1998.

MILNE, Simon. Tourism and sustainable development: exploring the global-local nexus. In: HALL, Michael; LEW, Alan (Org.). **Sustainable tourism: a geographical analysis**. Essex, UK: Addison Wesley Longman Limited, 1998. p. 25-48.

MONTIBELLER-FILHO, Gilberto. **O mito do desenvolvimento sustentável: meio ambiente e custos sociais no moderno sistema produtor de mercadorias**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

MOREIRA, R. J. Economia política da sustentabilidade: uma perspectiva neomarxista. In: COSTA, Luiz F. de C.; MOREIRA, Roberto J.; BRUNO, Regina. (Org.). **Mundo rural e tempo presente**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 241-265.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Desenvolvimento do turismo sustentável: Manual para organizadores locais**. Publicação de Turismo e Ambiente, 1996.

OURIQUES, Helton. **A produção do turismo: fetichismo e dependência**. Campinas: Alínea, 2005.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE (PNUMA). 1987, Bruxelas. **Nosso Futuro Comum**. Rio de Janeiro: FGV, 1988.

RODRIGUES, Arlete M. Desenvolvimento sustentável e atividade turística. In: SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa T.; LUCHIARI, Maria Tereza D. P. (Org.). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas: Papirus, 2000. p. 171-188.

RODRIGUES, Arlete M. Desenvolvimento sustentável e atividade turística. In: RODRIGUES Adyr B. (Org.). **Turismo desenvolvimento local**. São Paulo: HUCITEC, 1997. p. 42-54 .

RODRIGUES, Adyr B. (Org.) **Turismo rural: práticas e perspectivas**. São Paulo: Contexto, 2001.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável**. São Paulo: Papirus, 1997.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SILVA, Charley. As possibilidades e impossibilidades da sustentabilidade do sistema turístico. In: ENCONTRO NACIONAL DE TURISMO COM BASE LOCAL, 7, 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba, PR: UFPR/UNICENP, 2004 (CD ROM).

SILVEIRA, Marcos T. **Turismo, políticas de ordenamento territorial e desenvolvimento: um foco no estado do Paraná no contexto regional**. Tese (Doutorado em Geografia). USP, São Paulo. 2002.

SILVEIRA, Marcos T. Política de turismo: oportunidades ao desenvolvimento local. In: RODRIGUES, Adyr B. (Org.) **Turismo rural: práticas e perspectivas**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 133-150.

SWARBROOKE, John. **Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental**. São Paulo: Aleph, 2000.

WILLIAMS, Alan; SHAW, Gareth. Tourism and the environment: sustainability and economic restructuring. In: HALL, Michael; LEW, Alan (Org.). **Sustainable tourism: a geographical analysis**. Essex, UK: Addison Wesley Longman Limited, 1998. p. 49-59.